X ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL
TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA
Recife, 26 a 30 de abril de 2010.
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
ISBN 978-85-7315-769-7

NI DE ACÁ, NI DE AYÁ: MEMÓRIA E IDENTIDADE URUGUAIA DESLOCADA DE SUA ORIGEM DURANTE OS "ANOS DUROS"

Ariel Salvador Roja Fagúndez
Mestrando em Ciências Sociais do Instituto de Sociologia e Política-UFPel
arielroja@yahoo.com.br

Outrora designado como a "Suíça das Américas", por seu respeito às tradições democráticas, o Uruguai protagonizou um dos regimes mais autoritários e repressores do continente. O golpe de estado de 1973 foi o desfecho de um longo período de frequentes crises econômicas, sociais e políticas, que vinham se agravando desde o final dos anos 60. Com as constantes violações aos direitos civis, o encerramento do Estado democrático e a implantação de um regime ditatorial, muitos uruguaios perceberam que a crise não era passageira. Segundo aponta Nahum (1994), o volume de emigração nesses anos superou a cifra de 218.000 pessoas, correspondendo a 8% da população total do país. Também conforme dados do Comitê dos Direitos Humanos da ONU, o país tinha a mais alta proporção de prisioneiros políticos do mundo[1]. Buscando alternativas para essas questões, muitos "orientales" viram-se obrigados a sair de sua terra natal. Esse fenômeno caracterizado como uma verdadeira "diáspora", deixou no país profundas marcas até os dias atuais e que, evidentemente, também estão presentes naqueles que se dispuseram a sair.

É importante destacar que naquele momento o Brasil também vivia anos de restrições políticas, mesmo assim era o quarto destino preferido pelos imigrantes, ficando atrás de Argentina, Estados Unidos e Austrália, respectivamente.

O contexto brasileiro no qual se deram essas migrações mostrava-se, em vários aspectos, bem favorável, pois o país estava em pleno desenvolvimento provocado pelo "Milagre econômico". Além disso, tornava-se relativamente barato migrar para o Rio Grande do Sul, onde o clima e a cultura gaúcha apresentavam muitas semelhanças com os do Uruguai.

A presença uruguaia em Pelotas sempre foi uma constante. Ao longo do tempo, podemos observar dois momentos em que essa imigração tornou-se mais intensa e

[1] "Coojornal" especial, Porto Alegre, Ago, 1979. Acervo pessoal

ISBN 978-85-7315-769-7

coincidem justamente com períodos de crise no país platino. O primeiro em meados do século XIX, em meio ao conflito entre Oribe e Rosas, episódio conhecido como a "Guerra Grande", de 1839 a 1852. Outra conjuntura desfavorável aconteceu na década de 1970, que é o período de interesse deste projeto. A entrada de uruguaios acabou por contribuir com aspectos culturais já incorporados à paisagem urbana de Pelotas.

Nessa perspectiva, o projeto visa reconstruir a história dessa imigração, principalmente a partir dos relatos dos filhos dos exilados, observando as condições de vida no exterior, as formas de resistência e adaptação a uma nova realidade, a leitura que muitos desses imigrantes fizeram do panorama brasileiro à mesma época e a análise dos mecanismos de manutenção da cultura e da identidade fora de seu local de origem.

A definição da *rede* de entrevistados deve-se ao fato de que muitos eram crianças ou adolescentes quando tiveram seu cotidiano transformado por tais acontecimentos. Migraram sem ter o direito de escolha, que até mesmo seus pais, apesar das circunstâncias, puderam ter. Como interpretaram essas mudanças? Como assimilaram o cotidiano da violência? Como enfrentaram o trauma do exílio imposto? O quanto esses fatos influenciaram, ou não, na construção de uma nova ou na manutenção da identidade cultural e nacional, fora de seu local de origem?

Para dar conta dessas questões, adotou-se o método da história oral temática, através da reconstrução do passado, na intersecção do individual com o social. Os objetivos são o de analisar a história de um período e de um grupo, buscando avaliar como acompanharam todas essas transformações em seu país de origem, bem como qual foi a repercussão desses acontecimentos em suas vidas. "A resposta conjunta é o que interessa, sem, contudo, deixar de valorizar o que há de singular". (MEIHY, 2007, p. 28).

Desta forma, pretende-se dar voz a sujeitos comuns, anônimos, cuja história se fez na diáspora. Paul Thompson (1992, p. 18) afirma que essas narrativas constituem uma alternativa perfeita para a história social. O autor lembra que a subjetividade é inerente a todas as fontes históricas, e mesmo que os dados obtidos em entrevistas possam ser considerados fontes subjetivas por estarem fundadas em memórias individuais, logo passíveis de equívocos ou imaginação, o que é relevante nesses casos é descobrir por que o narrador "foi seletivo, ou omisso, pois essa seletividade com certeza tem o seu significado".

ISBN 978-85-7315-769-7

Além do mais, tendo em conta que muitos imigrantes ingressaram no Brasil clandestinamente, sem deixar qualquer forma de registro escrito, a história oral pode suprir a falta de informações pela escassez de documentação tradicional.

Por tal contexto, esse trabalho também se debruça em conceitos de memória, já que a História Oral, como método de pesquisa, tem como suporte as lembranças individuais e coletivas. Alguns autores são importantes para o trabalho como Bosi (1987), Pollak (1989), Candau (2002), Portelli (2004), Maurice Halbwachs (2004). Joël Candau destaca a importância da memória como fator fundamental para a constituição do indivíduo. A memória está diretamente associada à identidade: se eu lembro, eu sei quem sou. No entanto, o autor também indaga: O que buscamos lembrar? E o que procuramos esquecer?

> Solamente después de haber experimentado el olvido, los individuos son capaces de apreciar el recuerdo; los grupos y las sociedades construyen su identidad jugando permanentemente con los dos registros: por una parte, el deber o necesidad de memoria […]; por otra parte, el deber o la necesidad de olvido. […] Intentar una antropología de la memoria es tomar en cuenta el proceso de la memoria en su doble dimensión: su solana – el recuerdo – y su zona umbría – es decir, lo opaco, oscuro, olvidado (la amnesia) o lo que originalmente está ausente de la memoria (la amnemosinia) por razones que hay que explicar (CANDAU, 2002, p. 7).

Sustentamos a ideia de que é com base nessa dicotomia lembranças/ esquecimentos, que se molda a identidade do grupo. Entre as entrevistas realizadas até o presente momento estão as obtidas com dois professores de Espanhol da UFPel, Javier Luzardo e Maria Pia Sassi, além de outros dois previamente agendados. Nota-se que as questões envolvendo origem, também determinaram a forma de inserção na sociedade local. Em muitos casos, o *ser* uruguaio auxiliou os entrevistados na definição de suas ocupações ou profissões. Outro entrevistado, Eduardo Gozalbo, mostrou ser uma referência entre os uruguaios na cidade. Segundo o próprio Eduardo, ele teria aberto a primeira *parrillada* no Brasil, comércio gastronômico que hoje é bastante frequente na cidade e no Estado. Pelotas conta atualmente com diversos estabelecimentos nesses moldes, influenciando até mesmo a confecção de churrasqueiras particulares. Eduardo é um dos principais articuladores da comunidade uruguaia no município, visando à consolidação do *departamento veinte*[2], em Pelotas.

[2] O Uruguai conta ao todo com 19 departamentos, sendo o *Departamento Veinte* criado para representar os uruguaios no exterior. Pelotas possui uma colônia de aproximadamente 3 mil uruguaios. Esses

ISBN 978-85-7315-769-7

Para esta comunicação em especial, tomou-se o relato de Maria Pia Sassi, uma das entrevistadas que melhor caracteriza o objeto de estudo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIDADE

A questão da identidade cultural, geralmente tem sido abordada sob o enfoque dos grandes deslocamentos populacionais ocorridos principalmente nos dois últimos séculos.

As intensas transformações impostas pela dinamização da economia capitalista obrigaram uma considerável parcela da população a migrar, tanto do centro dinâmico do sistema para regiões consideradas periféricas, assim como dessas áreas para suas metrópoles.

O processo de "descolonização" dos continentes africanos e asiáticos, nas décadas de 1960 e 1970, além do fenômeno da globalização, têm contribuído para engrossar esses movimentos populacionais. Segundo Hall (2005), para os indivíduos que desejam ter acesso aos benefícios do mundo globalizado, a distância entre a periferia e o mundo desenvolvido é de uma passagem aérea. O estreitamento entre espaço-tempo tem provocado um sentimento de mal-estar que caracteriza nossa época, e que busca ser entendido a partir da compreensão da chamada crise de identidades.

A formação de uma cultura *híbrida*, portanto, estaria associada a esses deslocamentos, em conjunto com outros fatores de ordem econômica e social. No entanto, a migração entre povos vizinhos e de culturas próximas parece ter recebido menor atenção. É possível identificar nesses processos migratórios os mesmos efeitos da crise de identidade?

No caso específico dos imigrantes uruguaios em Pelotas, podemos estabelecer outra hipótese: a de que os filhos dos exilados políticos desenvolvem uma relação mais conflituosa com a identidade nacional e cultural do que outros uruguaios migrados no

---

números não são muito precisos em razão da flutuação constante desses imigrantes. Muitos utilizam a cidade como ponto de apoio para seguir adentrando ao Brasil, pois a cidade é a maior antes de Porto Alegre, ou então como base de experiência. Uma vez não adaptados, é fácil retornar. Mesmo assim, o número significativo dessa comunidade levou o governo do Uruguai a autorizar a instalação de um Consulado em Pelotas. Uma das maiores lutas do *Departamento veinte* é garantir o direito de voto aos uruguaios residentes no exterior, nesse sentido, foi realizado em 2006 o *1° Encuentro Mundial Del Consejo Consultivo*, em Montevidéu, com a presença de dois de nossos entrevistados.

ISBN 978-85-7315-769-7

recente período democrático. Meihy afirma ser esse um dos pressupostos para conceituar a *comunidade de destino.*

> A sustentação que marca a união de pessoas são dramas comuns, coetâneos, vividos com intensidade e conseqüências relevantes, episódios que alteram no provir o comportamento pretérito, rotineiro, e que impõem mudanças radicais de vida grupal (2007, p. 51).

Podemos perceber indícios desse conflito nas palavras de Maria Pia, imigrante uruguaia, residente no Brasil desde 1978, tendo como destino inicial a cidade de Rio Grande, e, atualmente, residente em Pelotas. Sua história pessoal carrega as marcas indeléveis da ditadura. Aos 14 anos viu sua família se desestruturar com o exílio forçado dos pais. Por quatro anos, ela e seus irmãos tiveram que enfrentar sozinhos, em Montevidéu, inúmeras adversidades, já que os pais estavam no exterior. O pai ficou sem a possibilidade de retornar, e a mãe teve que desenvolver estratégias para poder permanecer alguns eventuais finais de semana com os filhos. Os *allanamientos*, batidas do exército sem prévio aviso, com invasão às residências para revistas, isolamento social, e tortura psicológica com telefonemas anônimos, foram parte do cotidiano de Maria naquela época. Após terem vindo para o Brasil, ela afirma ter vivido um período de conflito interno, que a levou a querer negar sua origem, recolhendo-se a um convento por nove anos. Foram anos de negação, de rejeição, como ela mesma define. Hoje, com mais de 30 anos de presença no Brasil, ao ser questionada sobre a identidade que mais a caracterizaria, demonstra incertezas e certa inquietação. Não se define como uruguaia ou brasileira, mas antes se pensa como "cidadã do mundo", "alguém perdida no mundo." Emocionada, chega à conclusão de que talvez essa luta por manter uma identidade seja uma ilusão. Sente que vive algo falso, pois percebe que busca manter algo que talvez não exista. Quer se sentir uruguaia ao mesmo tempo em que se percebe não ser. Nem uruguaia nem brasileira; esforça-se por ser uma ou outra, mas tem consciência de que não é, o que acaba por gerar um sentimento de perda, de vazio, de falta.

A angústia descrita por Maria ratifica o argumento de Ernest Gellner, de que o sujeito sem de uma identificação nacional passa a viver uma perda subjetiva, decorrendo disso a necessidade de querer encontrar-se, de buscar um pertencimento.

> A idéia de um homem sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como

ISBN 978-85-7315-769-7

> deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto talvez o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas parece, agora, como tal (GELLNER, 1983, Apud HALL, p.48).

Maria afirma que busca manter a cultura de origem para ser uruguaia, o melhor possível. Acredita que o tempo levou-a a isso. Podemos pensar na fala de Maria, através das palavras de Portelli (2004, p. 298):

> [...] as versões das pessoas sobre seus passados mudam quando elas próprias mudam. A mudança pessoal tende a ser muito mais imprevisível e de menor alcance do que a mudança coletiva, assim como, muitas vezes, mais consciente e desejada. A demanda de um indivíduo ao contar sua estória, pode, muitas vezes trazer tanto conformidade quanto mudança, tanto coerência quanto amadurecimento. Os narradores estabelecem, portanto, serem tanto a mesma pessoa de sempre, quanto uma outra pessoa.

No caso de Maria, o tempo cumpriu e parece continuar a cumprir um processo de maturação em relação a todos os seus sentimentos e traumas. Ela alega que superada a etapa de rejeição, veio a reconciliação adquirida justamente com o tempo, mas, logo em seguida, refletindo durante a conversa, Maria se contradiz ao também afirmar que esse mesmo tempo a fez perder a identidade ou a refazê-la. Também é possível perceber que, em sua trajetória de vida, adotou aspectos de outras culturas com as quais também conviveu[3] para se constituir no que é hoje. Essas questões nos impõem uma discussão mais aprofundada sobre tempo e memória como propõem Portelli (2004) já que a estória narrada pelo entrevistado é "aberta, provisória e parcial".

Outro aspecto recorrente nos depoimentos, diz respeito ao sentimento de ser sem pertencer. Na expressão de muitos uruguaios, *Ni de acá, ni de Allá,* revela o não ser de lugar algum. Porém, simultaneamente também manifestam pertencer a essas duas ou mais culturas. Essa é uma sensação que parece ser compartilhada por todos os estrangeiros residentes no exterior, no entanto, ela, aparentemente, se expressa mais nitidamente quando contraposto ao outro. A identidade é relacional, isto é, ela depende de algo fora dela para existir, isto é, precisa de outra identidade que seja seu oposto.

Maria procura ser mais uruguaia quando está com seus conterrâneos. Quando não está próxima de algo que evoque a lembrança de suas origens, esse conflito não se manifesta com a mesma intensidade, pois entre brasileiros, ela sabe atuar e comunicar-

[3] Maria também viveu um período na Itália e na Espanha.

ISBN 978-85-7315-769-7

se, comunicação que vai muito além do idioma, é um diálogo com a cultura brasileira. Manuel Castells define esse fenômeno como *"um processo de construção de significados inter-relacionados com outras fontes de significado"* (1999, p. 23). O autor destaca que toda a identidade é construída e o que é relevante é entender como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece.

Outro entrevistado, Javier Luzardo, associa sua identidade à participação política. Como não é naturalizado, possui apenas a carteira de estrangeiro permanente. Não tem, portanto, o direito ao voto assegurado no Brasil, embora também afirme não participar das eleições no Uruguai. Cobra-se quanto a isso, lastimando o fato de não exercer sua cidadania, mas diz não sentir necessidade do exercício do voto. Se "a identidade é marcada por meio de símbolos," como afirma Katharyn Wodward (2008), um dos elementos que caracterizam o ser uruguaio é sua reconhecida consciência política. Talvez esteja aí a razão do constrangimento descrito por Javier, ao entender que sua participação como eleitor, mais do que um direito ou dever, é um elemento incorporado à cultura uruguaia. Eduardo também destaca esse aspecto, afirmando que os brasileiros admiram a consciência política dos uruguaios. Já para Javier, o ato de não participar da vida política como eleitor estaria associado a não "ser" como os demais uruguaios, mesmo assim, apesar de lamentar não ter participado das últimas eleições, acompanha com interesse os últimos acontecimentos políticos no Uruguai[4]. Luzardo não viveu o período da ditadura naquele país. Nascido em 1978, migrou aos 7 anos com os pais em 1985, quando o país retornava à democracia. Migraram muito mais por motivos econômicos, buscavam melhores oportunidades.

José de Souza Martins (2002) considera normal o processo migratório contemporâneo. O sociólogo afirma que é uma característica do sistema capitalista a destruição de todas as relações que se interponham em seu natural desenvolvimento. Com o avanço nas tecnologias de produção, as relações de capital-trabalho sofreram significativas alterações e entraram em uma nova etapa no final do século XX. A necessidade de se deslocar de seu lugar de origem está associada à reduzida perspectiva financeira ou a maior demora do trabalhador em conseguir recolocar-se e até de inserir-se no atual mercado de mão-de-obra. Essas transformações são alguns dos aspectos da

[4] Em nossa conversa, Javier revelou que tinha planos para comparecer à posse do recente presidente eleito do Uruguai, Pepe Mujica, ex-militante Tupamaro. Havia perspectivas de organizar uma excursão com outros uruguaios residentes na cidade.

ISBN 978-85-7315-769-7

designada globalização, e que para muitos autores das ciências sociais é um importante componente do deslocamento das identidades nacionais. Stuart Hall trabalha nesse sentido quando denuncia que:

> Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p. 9).

Também Cuche (1998) sustenta que a problemática referente à cultura e identidade, situa-se no contexto de enfraquecimento do Estado-nação e à globalização da economia. As suspensões das formas democráticas de representação vedaram ao cidadão a possibilidade de participar, decidir, debater sobre o modelo desejado de desenvolvimento econômico e social, e ao ter reduzida sua participação, restringiram-se suas expectativas. Embora na atualidade o momento político seja outro, as incertezas das medidas econômicas impostas pelo neo-liberalismo provocam efeitos semelhantes.

Podemos, a partir dessas considerações, estabelecer um comparativo entre os uruguaios emigrados em momentos diferentes. No que diz respeito à atuação política, por exemplo, Maria também se declara hoje em dia apolítica, mas se sabe que por razões diferentes. Seus pais a proibiram de participar de qualquer movimento estudantil e político no Brasil, e por isso mesmo ela alega ter se anulado, pois se considerava uma militante política desde muito jovem. Seguindo o raciocínio de Wodward (2008), existe uma associação entre a identidade da pessoa e aquilo que ela faz ou usa. Maria e Javier são professores de espanhol da UFPel e ambos afirmam que buscam manter e aprimorar a língua mãe. Javier confidenciou que quando vai ao país natal e dialoga com um conterrâneo, percebe que não possui a mesma fluência, sente-se um "lixo", sente-se menos uruguaio. Por outro lado, Maria confessa que, quando está em meio a um grupo de compatriotas, ela se "sente", ri e "vive".

É por meio dessas reminiscências que Maria e outros uruguaios buscam reconstruir o que são, ou sentem ser. Fazem isto na expressão, na forma de atuar, nos hábitos e principalmente no idioma, que necessita ser constantemente rememorado e praticado. Trabalha-se também com a hipótese de que os traumas provocados pela ditadura nos filhos dos exilados uruguaios podem trazer elementos novos ao tema.

ISBN 978-85-7315-769-7

Considerações finais:

A pesquisa com História Oral justifica-se em estudos voltados para questões relativas à identidade e à memória, permitindo estabelecer algumas análises que com outros métodos não seriam possíveis. Em casos como o do grupo selecionado para entrevistas visando este trabalho, além de possibilitar o registro da experiência, assumindo um caráter de denúncia contra arbitrariedades ocorridas durante a ditadura em seu país, também servem, como destaca Meihy (2007), de base para avaliar suas repercussões no desenvolvimento individual e social desse grupo.

Através dos deslocamentos populacionais, surgem novas identidades que correspondem ao que o Hall (2006) denomina de homens *traduzidos*, que dialogam e transitam entre duas ou mais culturas. No entanto, percebe-se que quando o imigrante se vê forçado a estabelecer novos vínculos, a adaptar-se a novos hábitos e novas culturas, enfrenta um processo de desenraizamento, que, em muitos casos, revela-se bastante conflituoso.

Nesta apresentação, procuramos demonstrar, principalmente através da história de Maria Pia Sassi, que outros elementos também podem atuar nessa crise de identidade. As circunstâncias que a levaram a sair do Uruguai naturalmente deixaram suas marcas que ainda procuram ser superadas. Maria se refere ao "que foi perdido", ao que deixou de ser vivido e que hoje busca de alguma forma recuperar.

Assim, a hipótese deste ensaio diz respeito a esse vazio deixado por essa perda imposta por um período de exceção política no Uruguai e migração forçada, principalmente nos filhos de exilados políticos ou imigrados no mesmo período, aos chamados "filhos da ditadura", que ainda tentam entender o que lhes aconteceu e que possivelmente diferencie as formas como os imigrantes uruguaios adaptaram-se à "nova pátria" e a uma nova sociedade em Pelotas.

Ao me receber em sua residência, Maria mostrava-se bem à vontade para compartilhar suas histórias. Calçava alpargatas[5], e pôde falar em sua língua mãe, apesar de ter recebido a visita de uma amiga em meio à entrevista, o que a obrigou, em alguns

[5] Alpargatas é um calçado ao estilo sapatilhas, feito de lona e com solado de cordas ou borracha. Podem ser usadas por homens ou mulheres e está incorporada à indumentária gaúcha. No Uruguai é muito frequente seu uso no cotidiano urbano, sendo um ícone que compõe a poesia e a música urbana, como *el Candombe*, por exemplo. Os entrevistados que estavam em suas residências calçavam alpargatas.

ISBN 978-85-7315-769-7

momentos a falar em português, para incluí-la no diálogo. Estava em sua casa, conversando sobre si, com um conterrâneo, excursionando por lembranças agradáveis e também dolorosas. No momento da transcrição pude perceber mais nitidamente esse diálogo entre duas culturas. Muitos termos usados eram próprios de expressões brasileiras e por tal motivo decidi manter a entrevista em espanhol, destacando essas expressões em itálico. O gestual, os momentos de reflexão e emoção, também fizeram parte de uma rede de significados que deverão ser registrados para o enriquecimento do projeto.

Fontes orais:

- Entrevista realizada pelo autor com Maria Pia Sassi, em 23/02/10 , em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor com Javier Eduardo Silveira Luzardo, em 19/02/10, no seu local de trabalho, no CEAD/UFPEL.
- Entrevista realizada pelo autor com Eduardo Maria Pereira Gozalbo, em 02/03/10, em sua residência.

Fontes escritas:

- "COOJORNAL" especial, Porto Alegre, Ago, 1979. Acervo pessoal.

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos**.** Ed. da Universidade de São Paulo, 2.ed. 1987.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la memoria.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação.** O poder da identidade. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 2001.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo, Edusc, 1998.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral:** possibilidades e procedimentos. São Paulo, Associação Editora Humanitas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

ISBN 978-85-7315-769-7

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo:** novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MEIHY, Jose e HOLANDA, Fabíola. **História Oral:** como *fazer, como pensar. São* Paulo: Contexto, 2007.

NAHUM, Benjamin et al. **História Uruguaya.** Vol. 8, 1958-1973, Montevideo, EBO, 1994.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELLON, Dea; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo e KHOURY, Yara (orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias.** São Paulo: Editora Olho d'água, 2004, p. 296-313.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WODWARD, Katharyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva de estudos culturais. 8. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008).